

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

O PROBLEMA DO DESENCANTAMENTO NAS RELAÇÕES DE ENSINO- APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA COMO BOLSISTA PIBID.

Sdenka Jannyne Melo Silva, Rian Henrique Rodolfo Izidro Silva, Ana Enedi Prince, Roberto Gomes Monção Junior.

Universidade do Vale do Paraíba/ Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, sdenkamelo09@gmail.com, rianrodolfoizidro@gmail.com, prince@univap.br, @roberto.moncao@univap.br.

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a problemática do desencanto ou desencantamento que figura nas salas de aula e, consequentemente, nos processos de ensino-aprendizagem. Buscou-se ir além, a partir da metodologia de revisão bibliográfica, e conceituar como os afetos presentes nesse processo são estruturais e estruturantes de uma política educacional regida por poderes institucionais coercitivos, que manobram a desesperança no ambiente escolar como mecanismo de manutenção do status quo. A experiência como bolsista PIBID foi essencial para estabelecer a análise aqui disposta nos solos férteis da produção acadêmica. Assim, o intercâmbio entre a Academia e os espaços da Educação Básica foi primordial como ferramenta política não apenas de análise, mas de transformação e reencantamento dos corpos ali envolvidos, para além de um único corpo discente ou docente: o resgate de suas potências coletivas.

Palavras-chave: Desencantamento. Ensino-aprendizagem. PIBID.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

Em meio aos processos contínuos de redemocratização do ensino, os quais supõem, portanto, que houve um momento no qual a democracia e os seus preceitos foram uma realidade na educação brasileira, esta análise surge frente ao suporte dado pela revisão bibliográfica de autores e autoras comprometidos com a aplicação de práticas revolucionárias nos campos de construção dos saberes. A experiência do PIBID fornece subsídios de análise a partir dos quais se pode entender como os crescentes processos de desencantamento do mundo alcançam a sala de aula e aquilo que se entende por ensino-aprendizagem.

Esses mesmos processos podem ser entendidos como ferramentas gestadas no seio de interesses políticos bem estruturados, que em momentos de investida fascista, se materializam e tornam claros seus horizontes possíveis - o de cerceamento da capacidade crítica, que supera o mero conhecimento técnico, e a limitação dos espaços para afetos transformadores e revolucionários. O contato com a sala de aula, especificamente em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, e a observação de seus comportamentos, em sua maioria calados, receosos em expor seus pontos de vista, sob o entendimento de que haveria uma hierarquia de vozes entre a turma e os Pibidianos, naquele espaço de tempo sendo seus professores, dá uma dimensão das ideias sobre as quais Bell Hooks debate em muitos de seus escritos, a saber:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio [...] é sobre dor [...] Mesmo antes das palavras, nos lembramos da dor. (HOOKS, 2019, p. 28.).

Esse desafio constante de erguer a voz como ferramenta potente e política encontra entraves no que tange ao desencantamento que é formado no ambiente de ensino-aprendizagem quando as especificidades, pluralidades e individualidades não são reconhecidas como parte do processo. Parte-se aqui do ponto de vista sob o qual um ambiente onde os sujeitos não são reconhecidos como seres

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

pensantes, cuja autonomia é igualmente mutilada, não fornecerá espaços para que ocorram mudanças radicais (FREIRE, 2014, p.55), que venham desestabilizar e tensionar a maneira sob a qual a conformidade na posição inanimada e desesperançosa frente ao conhecimento apresenta-se como uma sentença final e imutável.

Em síntese, reforçando ainda que a metodologia de revisão bibliográfica permite um aporte de informações que dão sentido à experiência global do que é observado em sala de aula, é proposta a análise do desencantamento -político, portanto, intencional- que tem ganhado espaço nas salas de aula brasileiras. Urge, portanto, pelo despertar da consciência crítica revolucionária proposta pelos autores aqui utilizados como base de estudo e aplicação.

Metodologia

Trata-se de um estudo de base exploratória de revisão bibliográfica, a partir da autoria latino-americana e norte-americana, pensadores de práticas educacionais revolucionárias.

Resultados

Como resultados prévios de um processo que se segue ininterruptamente, pôde-se perceber que a aplicação das metodologias proporcionadas pelas experiências entre PIBidianos e corpo discente proporciona uma voz mais ativa para que estes estudantes possam ser conduzidos por caminhos mais democráticos e dinâmicos. O estudo ainda confere ao Programa a abertura de caminhos onde possibilidades de se enxergarem enquanto sujeitos essenciais a todo processo educativo é amplamente possível e incentivado.

Discussão

O curso dos meses em que o trabalho proposto pelo PIBID é desenvolvido vai abrindo caminhos para a construção de novas ferramentas de lida em relação às iniciais barreiras encontradas no ambiente estudantil. Essas ferramentas podem seguir caminhos decoloniais, cujas perspectivas não são abarcadas pela tragédia que os processos coloniais desempenham na mentalidade daqueles alunos, mas sim nas potencialidades que abrigam dentro de si. Sobre esse tema:

Assim, a descolonização deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanente de transformação social na vida comum, é, logo, uma ação rebelde, inconformada, em suma, um ato revolucionário. Por mais contundente que venha a ser o processo de libertação, é também um ato de ternura. (RUFINO, 2019, p. 11).

Desse modo, a transformação dos afetos em sala de aula é um mecanismo pautado numa pedagogia transformadora e comprometida com aqueles espaços, possibilitando que a relação professor-aluno seja entendida como um meio de troca de conhecimentos pareados, nunca hierarquizados. Podem ser lidas, ainda, como ferramentas de reencantamento do processo, o que facilita o inicial entendimento dos PIBidianos acerca do que é uma sala de aula libertária (HOOKS, 2017, p.25).

Partindo do ponto de que é de interesse do poder instituído e institucional brasileiro o desmonte do que é concebido como Ensino Médio, trava-se nesses ambientes os debates necessários para que seja reconhecida a importância de criticar o status quo, pondo, em seu lugar, dispositivos de análise crítica de mundo, de narrar este mesmo mundo e, assim, reimaginá-lo: a esperança, segundo (FREIRE, 2014) como ferramenta política do embate de dentro para fora da sala de aula.

Uma execução profissional, ainda que em termos iniciais, como é o caso da experiência proposta pelo Programa é, em grande medida, a régua que delimita o espaço de ação das pessoas ali envolvidas, trazendo à tona as fragilidades, potencialidades, ganhos, perdas e toda a dicotomia que os envolve a partir do esperar (FREIRE, 2014) que é, potencialmente, luta. Unindo-se ao ponto de partida inicial da responsabilidade que é posta nas mãos dos bolsistas, cabe a análise:

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

[...] devem aliar “a teoria e a prática a fim de afirmar e demonstrar práticas pedagógicas engajadas na criação de uma nova linguagem, na ruptura das fronteiras disciplinares, na descentralização da autoridade [...] (HOOKS, 2017, p.173).

Conclusão

Por ser pincelada aqui uma discussão em ascensão, deve-se ressaltar que suas conclusões não começam e tampouco terminam aqui, pois devem ser buscadas e levadas por todas as esferas educativas nacionais, sobretudo da Educação Básica, por se fazer entendido que, uma vez alcançados e apontados seus problemas, deve ser voltada uma atenção especial para os mesmos. A persistência da apresentação de um desencantamento frente ao processo de ensino-aprendizagem é um sintoma de um problema maior, o qual influencia diretamente o futuro aqui almejado.

Nesse interim, foi imprescindível que a experiência em sala de aula desse fôlego aos pibidianos de perceber que alternativas outras de conduzir esses processos em sala de aula podem, conforme insistiram e insistem em seus escritos os autores aqui mencionados, transformar a realidade de dentro pra fora das escolas e, por sua vez, fazer transcender a prática educativa como uma maneira revolucionária de desmontar o poder instituído, o qual representa, em sua imensa maioria, um entrave para que sejam experienciados caminhos transformadores de pensamento e, sobretudo, de prática social e coletiva.

Destaca-se, enfim, o fato de que não há possibilidades de superar o desencantamento aqui trabalhado, se forem perseguidos os mesmos métodos de produção e aplicação do saber, bem como seu compartilhamento em sala de aula. Sabendo que as mentalidades são um campo em disputa, a experiência Pibidiana prepara os estudantes de licenciatura para entrar em campo de batalha munidos de novas estratégias para captar o que de melhor os estudantes podem oferecer: a perspectiva de mudança de seus sentimentos em relação ao mundo e à prática escolar.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Leya, 2014.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

HUNTY, Rita Von. (2023). **Contra a Reforma do Ensino Médio #01 Daniel Cara**.
https://www.youtube.com/watch?v=9aJibFSE8_s&ab_channel=TemperoDrag.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.